

OUTUBRO 2024

106ª EDIÇÃO

GAZETA DO POVO

REVISTA

ESTRELA DECADENTE

Eleições municipais
fortalecem antipetismo
e projetam acirramento
para 2026

Ex-capital mais segura:
cidade no Sul tem tiroteios
e veículos incendiados

Quais abusos recentes do
STF o pacote antiativismo
judicial poderia ter evitado

Índice

Editorial: A foto é o de menos **04**

Guilherme Macalossi: O boicote de Gleisi Hoffmann contra o governo Lula **11**

Rodrigo Constantino: Soros x Musk e a projeção esquerdista **16**

Eleições municipais fortalecem antipetismo e projetam acirramento para 2026 **21**

De capital mais segura à guerra de facções: cidade no Sul tem tiroteios e veículos incendiados **36**

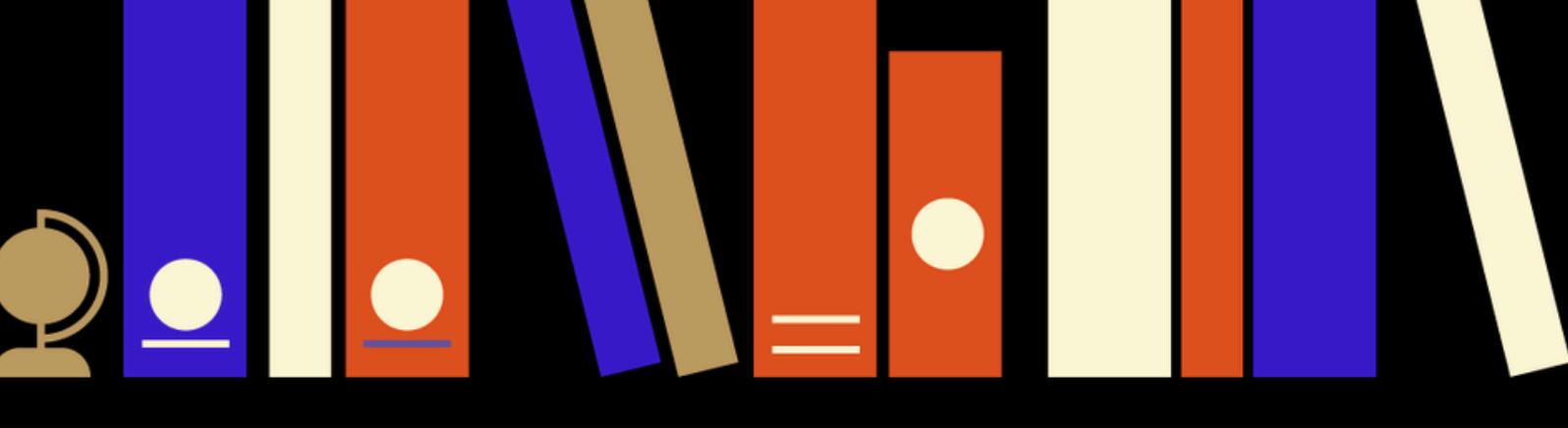
Quais abusos recentes do STF o pacote antiativismo judicial poderia ter evitado **51**

Ao cantar “Deus Cuida de Mim”, Caetano se torna um cavalo de Troia evangélico **66**



USUÁRIO DE ANDROID: PARA NAVEGAR UTILIZANDO OS

LINKS DE PÁGINA VOCÊ PRECISA DO APP [ACROBAT READER](#)



B I B L I O T E C A D A G A Z E T A

GAZETA DO POVO

**ACESSE NOSSOS E-BOOKS
EXCLUSIVOS**



Reunião dos Brics na Rússia: Brasil está sendo representado pelo chanceler Mauro Vieira (de costas, ao centro).| Foto: Alexander Nemenov/Pool/EFE/EPA

EDITORIAL

A foto é o de menos

O acidente doméstico sofrido pelo presidente Lula o impediu de viajar para a cúpula dos Brics, na Rússia, iniciada na terça-feira, dia 22; sua participação acabou limitada a um discurso lido

por meio de videoconferência nesta terça-feira. Como apontaram acertadamente vários comentaristas, o petista acabou se livrando de aparecer sorridente em fotos com Vladimir Putin, o valentão da vez e pária entre as nações democráticas devido à invasão da Ucrânia; ou com o novo presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, líder de uma ditadura teocrática e financiadora do terrorismo internacional. Não que as imagens de conagraçamento fossem um problema para Lula, que se sente muito à vontade nesse meio; mas elas certamente reduziriam ainda mais o já dilapidado prestígio do brasileiro diante do Ocidente.

Estando ou não em Kazan, Lula continua sendo um aliado dos anfitriões russos e dos demais ditadores e autocratas que estão nos Brics desde a sua fundação (como é o caso da China), ou os

que acabaram de ingressar na recente expansão do bloco, como o Irã. O petista não precisa aparecer apertando a mão de Vladimir Putin para que o mundo saiba o que o brasileiro pensa sobre o conflito. Afinal, foram inúmeras as vezes em que Lula apelou para a falsa equivalência moral, considerando a Ucrânia e Volodymyr Zelensky tão responsáveis pelo conflito quanto Putin, igualando vergonhosamente o agredido ao agressor; da mesma forma, Lula já manifestou seu apoio ao plano de “paz” proposto pela China, que na prática equivale a uma rendição ucraniana, até mesmo no maior de todos os palcos globais, a Assembleia Geral da ONU.

A situação não é muito diferente em relação a um parceiro mais novo de Brics, o Irã. Na falta de uma foto de Lula com Pezeshkian na Rússia,

já existe a imagem do vice-presidente Geraldo Alckmin ao lado de representantes da elite do terrorismo mundial na posse do presidente iraniano, em julho.



Estando ou não em Kazan, Lula continua sendo um aliado dos anfitriões russos e dos demais ditadores e autocratas que estão nos Brics

Sem falar nas inúmeras notas do Itamaraty a respeito do conflito no Oriente Médio, em que as ações de Israel costumam ser condenadas nos termos mais duros, enquanto o recente ataque com quase 200 mísseis iranianos contra território israelense foi apenas acompanhado “com preocupação” – mesma expressão usada

em abril, quando do primeiro ataque direto do Irã contra Israel, descrito candidamente como “relatos de envio de drones e mísseis do Irã em direção a Israel”.

Quem também está em Kazan é o ditador venezuelano, Nicolás Maduro. A Venezuela é um dos vários países que pretendem fazer parte dos Brics e conta com o apoio de China e Rússia, mas não está na lista de 12 países que os atuais membros estão analisando para uma possível adesão. Segundo informações de bastidores, seria justamente o Brasil o responsável por Venezuela e Nicarágua estarem de fora. Mas só os muito desavisados veriam na postura brasileira qualquer tipo de movimento para levar democracia aos venezuelanos e livrá-los do ditador. Todos sabem que Maduro jamais entregará os tais boletins de urna, e mesmo

assim Lula não dá o passo que entidades supranacionais, os observadores internacionais do pleito de julho e outros presidentes de esquerda (como o chileno Gabriel Boric) já deram: afirmar que houve fraude na contagem dos votos e que a declaração de vitória de Maduro é ilegítima. Lula, que já defendeu o ingresso da Venezuela nos Brics em 2023, pode ter mudado de opinião sobre esse assunto específico, mas continua reconhecendo tacitamente a manutenção do ditador no poder.

Lula não está pessoalmente na Rússia, mas a delinquência moral com a qual ele e seu chanceler de facto, Celso Amorim, dirigem a política externa brasileira certamente se fará presente. Os Brics se tornaram um clubinho de autocracias comandado especialmente pela China e pela Rússia, dedicado ao

antiamericanismo e com a intenção de bater de frente com o Ocidente democrático. Um pacote que inclui desprezo pelas liberdades e garantias individuais, imperialismo expansionista e até patrocínio ao terrorismo, e que conta com o apoio, às vezes mais dissimulado, às vezes mais explícito, do Brasil petista.



[Voltar ao índice](#)



A presidente do PT, Gleisi Hoffmann | Foto: Lula Marques/Agência Brasil

OPINIÃO

Guilherme Macalossi

O boicote de Gleisi Hoffmann contra o governo Lula

Em breve, Gleisi Hoffmann deve deixar a presidência do PT. Foi uma das piores dirigentes da legenda, conduzindo-a para um desempenho

humilhante nas eleições de 2024. Ideologicamente xiita, sua atuação, no mais das vezes, contribuiu para gerar mais problemas do que soluções ao governo Lula. De tal forma que, numa coluna anterior, após ela atacar a existência da Justiça Eleitoral, a lancei uma campanha para nomeá-la “musa do Bolsonarismo” no lugar de Joice Hasselmann e Carla Zambelli.

A deputada passou os dois primeiros anos do atual governo em pé de guerra com Fernando Haddad. Gleisi esteve entre as principais lideranças do PT a criticar o arcabouço fiscal. Queria, na contramão de qualquer responsabilidade, aumentar ainda mais os gastos públicos, defendendo o que chamou na época de política “contracíclica” e “expansionista”. Em outras palavras: defendia

reciclar o fracassado modelo dilmista do “gasto é vida”.



O que Gleisi pretendia ao contar ao mercado sobre as supostas intenções de Galípolo? Contribuiu apenas para minar a credibilidade de um quadro técnico que foi bem aceito

Na última semana, Gleisi foi convidada para uma reunião na sede da XP, uma das maiores corretoras do país. Segundo o site BlogTrends, especializado em mercado financeiro, a petista “comentou sobre o comportamento de Gabriel Galípolo”, indicado por Lula para a presidência do Banco Central em substituição a Roberto Campos Neto.

Desde que foi nomeado como diretor, Galípolo tem votado pela manutenção dos juros junto com o atual presidente da instituição. Uma postura ortodoxa que surpreendeu muitos que esperavam uma posição “flexível” em linha com a de Lula, que tem defendido a queda da Taxa Selic. Gleisi garantiu, entretanto, que tudo não passa de teatro e que Galípolo “enganou o mercado”, deixando a mudança na política monetária para depois que assumir a função no lugar de Campos Neto. O efeito das declarações da presidente do PT fez o dólar disparar.

O que Gleisi pretendia ao contar ao mercado sobre as supostas intenções de Galípolo? Contribuiu apenas para minar a credibilidade de um quadro técnico que foi bem aceito e tem se posicionado com equilíbrio nas funções a que foi designado. Galípolo, aliás, deveria ser o

primeiro a desmenti-la, já que ela agiu contra sua reputação.

A petista fez do boicote e do “fogo amigo” contra o governo uma verdadeira especialidade. Não é surpresa, portanto, o legado de fracassos que deixará quando encerrar seu mandato.



Autor: Guilherme Macalossi é jornalista, apresentador, redator e radialista. Formado em Direito, é apresentador do programa "Bastidores do Poder" e comentarista do "Jornal Gente", na Rádio Bandeirantes, e colunista do jornal "Band Cidade", na TV Bandeirantes. Na Gazeta do Povo já foi produtor do programa Imprensa Livre e de mini- documentários especiais. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



George Soros, o bilionário progressista. | Foto: EFE/EPA/CLEMENS BILAN

OPINIÃO

Rodrigo Constantino

Soros x Musk e a projeção esquerdista

O bilionário especulador George Soros coloca há anos rios de dinheiro em ONGs radicais de

esquerda e no Partido Democrata. Os "progressistas" representam hoje a elite endinheirada do mundo. A campanha de Kamala Harris levantou em três meses cerca de um bilhão de dólares, mais do que a campanha de Trump desde o começo lá atrás. Kamala utilizou muito mais dinheiro em propagandas. Não obstante, a esquerda ficou em polvorosa quando Elon Musk coçou o bolso para ajudar Trump.

No jornal O Globo, o militante socialista Bernardo Mello Franco deu o seguinte título à sua coluna: "Elon Musk quer comprar a Casa Branca". Para ele, a campanha de Musk oferecendo dinheiro para quem defendesse a liberdade de expressão é análoga à velha prática de "compra de votos". Mas bombar artificialmente a economia com gastos públicos e oferecer mundos e fundos de forma

demagógica e populista, como Kamala tem feito, deve ser só "justiça social".

O blogueiro esquerdista conclui: "Com tantos interesses em jogo, o dono do X tem motivos de sobra para se empenhar na eleição de um aliado. Não é só ideologia. É investimento". A extrema esquerda sempre projeta nos outros o que é e faz. Para Mello Franco deve ser inconcebível alguém rico *gastar* do próprio bolso por uma causa em que acredita, como a liberdade de expressão.

Musk já deixou claro várias vezes que não quer entrar na política, que sempre teve inclinação a favor dos democratas, que foi fã de Obama, mas que está extremamente preocupado com a radicalização esquerdista democrata e que teme pelo futuro do Ocidente. Ele está certo, claro, e

basta ver como o mundo ficou mais perigoso quando saiu o "malvado" Trump e assumiu o "normal" Joe Biden, além do avanço da censura e da criminalidade.

Para a esquerda, parece intolerável que alguém rico rejeite a bolha "progressista" e defenda o povo. A nova aliança se dá entre globalistas e esquerdistas, num truque para domesticar a esquerda mais marxista, enquanto expulsa do jogo os liberais clássicos, libertários e conservadores.

Em inúmeras falas e entrevistas, Soros já deixou clara a sua obsessão pelo poder. Mas quando o especulador bilionário enfia milhões e milhões em grupos radicais como Antifa, Mídia Ninja, Black Lives Matter e similares, a turminha da

velha imprensa não reclama de uma suposta tentativa de usurpar a democracia. É o "bilhão do bem". Mas quando Elon Musk mergulha de corpo e alma, além do bolso, na campanha de Trump, aí só pode ser "investimento" de quem tem interesses obscuros e autoritários. É muita hipocrisia...



Autor: Rodrigo Constantino. Economista pela PUC com MBA de Finanças pelo IBMEC, trabalhou por vários anos no mercado financeiro. É autor de vários livros, entre eles o best-seller “Esquerda Caviar” e a coletânea “Contra a maré vermelha”. Contribuiu para veículos como Veja.com, jornal O Globo e Gazeta do Povo. Preside o Conselho Deliberativo do Instituto Liberal. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) | Foto: Andre Borges/EFE

Eleições 2024

Eleições municipais fortalecem antipetismo e projetam acirramento para 2026

Por Vinícius Sales

Chegando ao segundo turno das eleições municipais em 51 cidades, o resultado eleitoral

obtido no primeiro turno evidencia que o antipetismo segue como uma força política relevante, mesmo com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na Presidência da República. Há um contraponto: tendo eleito 248 prefeitos, o PT cresceu em relação ao último pleito, mas ainda está longe de 2016, quando elegeu mais de 600 gestores municipais.

Por outro lado, o PL do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e os partidos do centrão aproveitam o enfraquecimento do PT para avançar em importantes frentes eleitorais. As disputas à prefeitura em Fortaleza (CE) e em Natal (RN) chamam a atenção para uma tendência antes não vista em redutos eleitorais do PT. Ambas as capitais estão inseridas em estados comandados por petistas, como o governador Elmano de Freitas e a governadora

Fátima Bezerra. A expectativa era que, com o apoio da máquina estadual, os respectivos candidatos petistas — **Evandro Leitão** e **Natália Bonavides** — estivessem na disputa com mais tranquilidade, o que não ocorreu.

De acordo com levantamento feito pela Quaest em Fortaleza, André Fernandes (PL) e Evandro Leitão (PT) se encontram empatados numericamente, com 43% das intenções de voto cada um. A margem de erro é de três pontos percentuais.

Já em Natal, o instituto Paraná Pesquisas mostrou que **Paulinho Freire** (União Brasil) soma 50,9% da preferência do eleitor, enquanto **Natália Bonavides** (PT) chega a 38,9% das intenções de voto.

- **Metodologia Quaest Fortaleza:** 900 entrevistados pela Quaest entre os dias 15 e 17 de outubro de 2024. A pesquisa em João Pessoa foi contratada pela Televisão Verdes Mares LTDA. Confiança: 95%. Margem de erro: 3 pontos percentuais para mais ou para menos. Registro no TSE nº CE-01540/2024.
- **Metodologia Paraná Pesquisas Natal:** 760 entrevistados pelo Paraná Pesquisas entre os dias 14 e 17 de outubro de 2024. A pesquisa foi contratada pelo próprio Instituto Paraná de Pesquisas e Análise do Consumidor Ltda. Confiança: 95%. Margem de erro: 3,6 pontos percentuais. Registro no TSE nº RN-00006/2024.

Antipetismo foi impulsionado com escândalos e crise econômica

Antes de o bolsonarismo se consolidar como força política, em 2018, a rejeição ao partido de Lula e de Gleisi Hoffmann já era observada após o pleito de 2002, quando o PT chegou à Presidência da República. No entanto, o que antes era um sentimento ganhou contornos mais sólidos após 2005, quando o partido esteve no centro do Mensalão. O escândalo revelou um esquema de compra de votos em votações no Congresso por meio de propinas.

“Esse escândalo foi um divisor de águas para a imagem do PT, gerando uma forte rejeição não apenas por parte de seus opositores tradicionais, mas também de setores da população que antes tinham uma postura mais

neutra em relação ao partido. Entretanto, é importante ressaltar que o antipetismo vinha se desenhando desde antes, especialmente a partir da eleição de 2002, quando o PT deixou de ser apenas uma força de oposição e assumiu o poder”, avaliou o cientista político Juan Carlos Arruda, diretor-executivo do Ranking dos Políticos.

Arruda pontua que o antipetismo não é exclusivo da direita. “O antipetismo tem raízes tanto entre setores conservadores quanto entre grupos que não se identificam necessariamente com um espectro político específico. O desgaste que o PT sofreu ao longo dos anos, especialmente com os escândalos de corrupção e as crises econômicas, levou muitos cidadãos que antes apoiavam o partido ou eram

indiferentes à política a se identificarem com o antipetismo”, disse.

Outro aspecto lembrado pelo cientista político é que o lulismo, enquanto movimento capaz de mobilizar eleitores, "transcende" o próprio petismo. "Embora o PT tenha sido a plataforma que levou Lula ao poder, a força do lulismo está muito associada à liderança carismática de Lula, à narrativa pessoal de superação do presidente e à capacidade dele de se conectar diretamente com grandes parcelas da população, especialmente as classes populares".

Para além do Mensalão, a crise econômica do governo da presidente Dilma Rousseff e, posteriormente, o Petrolão e a operação Lava Jato são outros fatores avaliados por analistas como catalisadores do sentimento antipetista

no país. O professor Paulo Kramer, docente aposentado da Universidade de Brasília, destaca que os acontecimentos relacionados à administração do PT permitiram que o antipetismo alcançasse pessoas que não possuíam uma orientação política definida.

“O Mensalão foi, sem dúvida, um momento de virada, pois trincou a imagem do lulopetismo para além da fronteira da bolha conservadora. Depois da Lava Jato, aí foi ‘água de morro abaixo’. Mas, eu assinalaria outra data importante: as **manifestações de 2013**. Elas descreveram um arco histórico, passando pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e pela prisão de Lula, até chegar à vitória de Jair Bolsonaro em 2018”, disse Kramer.

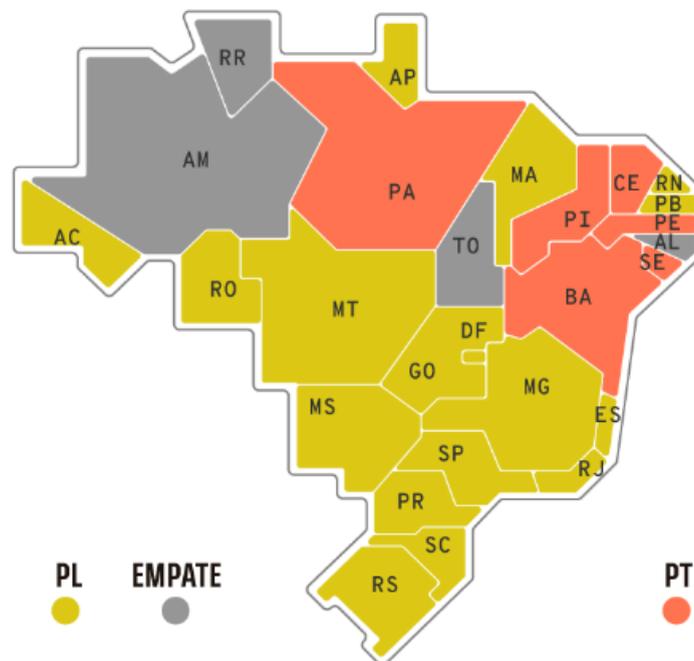
Números do 1º turno reforçam crescimento do antipetismo

Um levantamento feito pela **Gazeta do Povo** mostrou que o PT foi vitorioso em importantes estados do Nordeste no último dia 6 de outubro, elegendo 50 prefeitos no Piauí, 49 na Bahia e 46 no Ceará. Entretanto, o Partido Liberal, encabeçado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, emplacou 40 prefeitos no Maranhão, 18 no Rio Grande do Norte e 11 na Paraíba.

Os números ganham proporção quando o cenário eleitoral de 2022 é colocado em perspectiva. Dos 13 estados que deram vitória ao petista em 2022, o PL superou o PT no número de prefeituras em quatro. Outros seis foram para o PT e três registraram empate entre as legendas.

Eleições 2024

Maioria de prefeitos eleitos pelo PL ou PT



Antipetismo cresce em meio à ascensão de PL e PSB

O cientista político Adriano Cerqueira, professor do Ibmec de Belo Horizonte, aponta que o antipetismo segue como uma força significativa nas eleições municipais de 2024, impulsionado por problemas na gestão do governo federal. Ele também destaca o crescimento do Partido Liberal (PL) como principal opositor ao Partido

dos Trabalhadores (PT), bem como o fortalecimento do PSB no espectro político da esquerda.

“O antipetismo ainda é um movimento relevante porque o presidente da República é do PT, uma figura historicamente relacionada com os seus fundadores. [...] O antipetismo se torna muito forte, e a legenda, se teve um crescimento em relação a 2020 é porque, naquele ano, a legenda estava muito em baixa. O presidente era o Bolsonaro, e o PT vinha do desgaste da Lava Jato, dos escândalos que foram investigados, condenando muitas de suas lideranças, inclusive o próprio presidente Lula.”

Segundo Cerqueira, os problemas administrativos e econômicos do governo, como a **desvalorização do real** e o **aumento das**

despesas públicas, intensificam o desgaste do PT. Esse cenário cria um campo fértil para o fortalecimento do antipetismo, que ganha força em municípios médios, ainda que o partido não tenha obtido vitórias em capitais. Cerqueira também observa que o PL se consolidou como o principal partido da direita, assumindo uma postura ideológica clara e superando outras legendas de centro-direita.

Hiperpolarização com a direita trouxe mais desafios para o PT

Para o cientista político Elton Gomes, professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI), o antipetismo se consolidou como uma das principais forças no cenário político brasileiro, em um contexto que ele define como "hiperpolarização". A liderança carismática de

figuras como Lula e Bolsonaro, aliada ao descontentamento com a corrupção, alimenta esse fenômeno, que mobiliza uma parte significativa do eleitorado, especialmente nas eleições municipais de 2024.

“O antipetismo se consolidou como uma das principais forças do Brasil, sobretudo após os grandes escândalos de corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores e a polarização política dos últimos anos, que eu gosto de chamar de hiperpolarização. [...] A figura do ex-presidente Jair Bolsonaro e de seus aliados continua a mobilizar os eleitores que se opõem ao Partido dos Trabalhadores e a Lula.”

Gomes destaca que o antipetismo, intensificado pela memória dos escândalos de corrupção e pela força comunicacional da direita, tem

permitido a vitória de candidatos alinhados ao PL em cidades onde o PT tradicionalmente era dominante. O cientista político também aponta que, no Nordeste, há um rompimento do "cercamento" eleitoral que o PT construiu ao longo dos anos, e que mudanças nas alianças e nas estratégias do partido, como a **aproximação com lideranças evangélicas e pautas conservadoras**, refletem a busca por reconquistar eleitores que migraram para a direita.



[Voltar ao índice](#)



*PCC e PGC avançam sobre Santa Catarina e disputam território para o tráfico. |
Foto: Corpo de Bombeiros / Governo do estado de Santa Catarina*

Crime organizado

De capital mais segura à guerra de facções: cidade no Sul tem tiroteios e veículos incendiados

Por Juliet Manfrin

O governo de Santa Catarina ainda comemorava o título de estado e capital mais seguros do país, de acordo com o Ranking anuário Cidades Mais Seguras do Brasil de 2024, da consultoria MySide, divulgado em setembro deste ano, quando a Grande Florianópolis passou a viver momentos de terror. Facções criminosas se envolveram em conflitos armados intensos na disputa por territórios em uma escalada de violência desde a semana passada.

O Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Primeiro Grupo Catarinense (PGC) travam uma disputa por território e o que se viu na última semana foram cenas que o estado não convivia há pelo menos seis anos.

O governador Jorginho Mello (PL) tentou dar uma resposta rápida e confirmou durante uma

entrevista coletiva à imprensa se tratar de uma disputa por territórios. Ele disse que as forças de segurança estão dando uma resposta forte à onda de violência.

No último fim de semana, após uma série de ataques que resultaram em carros e ônibus incendiados em diversos pontos da capital e da região metropolitana, um gabinete de crise foi acionado pela Polícia Civil.

As principais ações criminosas foram registradas na região central e na zona norte de Florianópolis, na cidade conhecida no meio turístico como a "Ilha da Magia". A região norte de Floripa tem áreas de tráfico de drogas dominadas pelo PCC, mas que o PGC quer controlar.

Moradores e turistas usaram as redes sociais para relatar os momentos de terror, principalmente entre a noite de quinta e madrugada de sexta-feira (dias 17 e 18 de outubro) com histórias que se repetiam. Elas alertavam que veículos de passeio, alguns deles roubados, ônibus e outros objetos eram colocados no meio de ruas e incendiados, tudo para dificultar a chegada da polícia nos pontos de conflito entre as facções ou na busca por criminosos em fuga. Tiroteios também foram presenciados nessas regiões da cidade.

Na manhã do último domingo (20) a polícia disse que 12 pessoas haviam sido presas e um suspeito morreu em um confronto. Em meio à escalada dos conflitos, o governador usou as redes sociais para tranquilizar a população de Santa Catarina.

“A nossa força de segurança é uma das melhores do país. Nós não damos moleza para bandido e nem para criminoso. A gente sempre combateu facções criminosas e vamos continuar combatendo. Colocaram fogo para intimidar. Enfim, aqui em Santa Catarina, bandido não tem moleza. Nós não vamos permitir nenhum tipo de excesso. Aqui tem disciplina. Santa Catarina merece respeito e tem o nosso respeito”, declarou.

Em nota, a Secretaria de Estado da Segurança Pública de SC disse que as forças de segurança seguem mobilizadas para atuar nas ocorrências registradas na Grande Florianópolis. Interlocutores do governo do estado afirmam que Jorginho Mello não cogita acionar forças nacionais de segurança e que tudo será resolvido pela segurança pública do estado.

“O policiamento foi reforçado nas áreas de maior risco, com equipes das Polícias Militar e Civil, além do apoio do Corpo de Bombeiros Militar, atuando de forma integrada nos incêndios registrados em alguns pontos da Grande Florianópolis [...] Desde o início dos incidentes, diversas operações foram desencadeadas para conter os atos criminosos, resultando em prisões. O governo do estado reitera o compromisso com a ordem pública e a segurança dos cidadãos, e seguirá empregando todos os recursos necessários para restabelecer a tranquilidade na região”, completa a Secretaria de Segurança.

A pasta afirma ainda que segue monitorando a situação e fornecerá atualizações à medida que novas informações surgirem. Porém, o avanço das facções no estado considerado o mais

seguro do Brasil tem causado preocupação diante das cenas até então mais comuns em São Paulo, pelo domínio do PCC, e no Rio de Janeiro, por causa do Comando vermelho (CV). De modo geral, essas duas facções têm relação direta e indireta nos enfrentamentos e conflitos registrados em Santa Catarina desde a última semana.

Como a morte de um ex-soldado americano desencadeou a guerra pelo tráfico na Grande Florianópolis

A escalada nos enfrentamentos entre o PGC e o PCC vinha se potencializando desde setembro na disputa por territórios, principalmente após uma operação da Polícia Civil que mirou traficantes em regiões dominadas por essas organizações. O estopim, no entanto, teria sido

com a morte de David Beckhauser Herold, no dia 2 de outubro. O produtor musical de 34 anos tinha o apelido de "Americano" porque viveu nos Estados Unidos de 2008 a 2013 e foi solado do país nesse período.

Ele é filho de uma brasileira com um norte-americano. Ao voltar ao Brasil, ele foi preso por tráfico de drogas em 2015 e entrou para o PGC, onde era apontado, segundo as investigações policiais, como líder da facção. A **Gazeta do Povo** não conseguiu contato com sua defesa. "Americano" respondia a vários processos, chegou a ser condenado em 2016 por um homicídio e uma tentativa em 2014, mas cumpria pena em regime aberto.

No início de outubro deste ano, "Americano" foi morto a tiros em São Paulo durante a gravação

de um clipe de um artista de trap do qual era produtor musical. A Polícia Civil de São Paulo informou que dois homens se aproximaram do local da gravação e dispararam pelo menos 60 vezes contra "Americano", que morreu no local. O PGC passou a desconfiar que a morte teria sido ordenada pelo PCC, embora as investigações policiais ainda estejam em curso.

PGC e PCC: as semelhanças entre facções rivais que disputam domínio em Santa Catarina

A exemplo do PCC, que nasceu dentro do sistema prisional de São Paulo em 1993, o PGC nasceu nas prisões catarinenses em 2003 para confrontar o avanço e domínio do PCC no estado. Tudo isso porque o Primeiro Comando da Capital tem planos ousados para Santa Catarina. Além da lavagem de dinheiro do

tráfico de drogas e armas com a compra de imóveis de luxo nas badaladas cidades do litoral catarinense, a facção está de olho nos portos do estado, como o de Navegantes, de São Francisco do Sul, de Itapoá, de Imbituba e de Itajaí.

É pelos portos que a maior facção criminosa brasileira despacha cocaína camuflada em meio a cargas lícitas para os cinco continentes, reforça o promotor de Justiça que investiga a facção paulista há mais de duas décadas, Lincoln Gakiya.

Na tentativa de exercer domínio e não permitir o avanço do PCC no estado, o PGC avança sobre o Sul do Brasil devido a parcerias com o Comando Vermelho (CV) e ao enfraquecido grupo Família do Norte (FDN), que chegou a ser uma das maiores facções criminosas do Norte

do Brasil, mas que vem definindo segundo investigações policiais. Ambas são rivais do PCC.

Apurações da Polícia Civil e do Ministério Público em Santa Catarina avaliam que o PCC se consolidou em todo o estado, mesmo com a resistência do PGC, o qual também quer manter o domínio sobre o sistema penitenciário estadual.

Rígido e sanguinário, o Primeiro Grupo Catarinense também exerce domínio por técnicas cruéis de ataques contra seus rivais, aponta o Ministério Público (MPSC). A organização catarinense expande suas ações para o controle dos presídios na tentativa de inibir o avanço do PCC sobre detentos e, mesmo presos, líderes do PGC determinam o que faccionados fora da prisão devem fazer, o que

inclui missões como sequestros, extorsões e assassinatos com meios cruéis. As investigações também querem saber se os ataques da semana passada foram ordenados por faccionados presos.

Outro ponto investigado é a corrupção no sistema penitenciário, que se apresenta como uma marca registrada do bando, facilitando acesso de telefones nas prisões, comunicação direta entre presos e não presos, e o domínio interno das cadeias.

O deputado federal Delegado Palumbro (MDB-SP) tem chamado a atenção para a escalada de violência protagonizada pelo PCC e outras facções. Ele lembra que o Brasil tem mais de 70 organizações criminosas que avançaram pela omissão de governos estaduais, mas sobretudo diante da inércia do governo federal.

“O Brasil não produz drogas, elas entram pelas fronteiras. Onde está o governo federal para combater isso? Boa parte das armas também entra pelas fronteiras, onde está a União? O governo não faz sua lição de casa, principalmente nas fronteiras e nos portos utilizados por esses grupos para o tráfico de drogas”, alerta.

Santa Catarina recebe quase 3 milhões de turistas por ano; setor pode ser afetado

Além da segurança pública, outro ponto de atenção com a violência é o econômico e diz respeito ao turismo – o setor movimentou R\$ 2,1 bilhões na economia estadual em 2023. Os dados são da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur) e revelam que o estado é o quarto que mais recebe turistas no Brasil.

“As pessoas, as famílias tendem a visitar menos locais onde o crime organizado se faz presente e isso traz um alerta à economia e ao turismo. A resposta no combate à criminalidade precisa ser rápida”, reforça o advogado especialista em Direito Econômico, Márcio Nunes.

Na Grande Florianópolis e cidades praianas próximas, cerca de 70% dos imóveis existentes são para locação, principalmente na temporada de verão que se aproxima. Anualmente Santa Catarina recebe aproximadamente três milhões de turistas.

Isso representa um incremento de quase 40% de toda a população residente no estado, que é de 8,1 milhões de habitantes.

“Santa Catarina sempre foi um local muito seguro e os turistas desejam que siga assim. É um destino de brasileiros, de paraguaios, de argentinos. Espera-se que esses conflitos sejam logo vencidos pela segurança pública e para levar tranquilidade a quem vai aproveitar a temporada em algumas das praias mais bonitas do Brasil”, completa o especialista.



[Voltar ao índice](#)



CCJ da Câmara avançou na votação das PECs contra o ativismo do STF. | Foto: Bruno Spada/Câmara dos Deputados

Congresso x Supremo

Quais abusos recentes do STF o pacote antiativismo judicial poderia ter evitado

Por Leonardo Desideri

Se as propostas do pacote antiativismo judicial, recentemente aprovado pela Comissão de

Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados, já estivessem valendo nos últimos anos, algumas delas poderiam ter um impacto relevante contra decisões abusivas do Supremo Tribunal Federal (STF), enquanto outras teriam um efeito frágil.

O pacote tem duas Propostas de Emenda à Constituição (PECs) e dois Projetos de Lei (PLs) que visam, entre outras coisas, aumentar a capacidade do Legislativo de conter ilegalidades praticadas pelo Judiciário e ampliar as hipóteses de impeachment.

A iniciativa do Congresso é uma resposta à crescente politização da Corte nos últimos anos. As iniciativas de censura, a intromissão no papel do Legislativo, as ameaças à imunidade parlamentar e a busca de ministros pelo

holofote na vida política do país foram decisivas para a aprovação do pacote na CCJ.

Casos como a suspensão do X, a inclusão de parlamentares em inquéritos do ministro Alexandre de Moraes e a decisão do STF sobre a descriminalização da maconha são exemplos de pautas recentes que, caso o pacote estivesse em vigor, poderiam ter terminado de outra forma.

Não é possível, contudo, voltar no tempo: André Uliano, professor de Direito Constitucional, explica que as leis não poderiam retroagir, o que significa que decisões do STF tomadas antes de uma eventual aprovação do pacote antiativismo não poderiam ser alteradas.

Além disso, o controle do Legislativo sobre o Supremo com uma eventual aprovação do pacote viria cheio de limitações estabelecidas pela própria lei.

Por exemplo, a PEC 8/2021, que faz parte do pacote e trata especificamente das decisões monocráticas, não atingiria aquelas liminares de Alexandre de Moraes para impor censura nas redes.

"A PEC 8/2021 se aplica principalmente a decisões monocráticas que suspendam a eficácia de leis ou atos normativos", explica Alessandro Chiarottino, doutor em Direito Constitucional pela USP. "Decisões em inquéritos abertos pelo STF, como os que Alexandre de Moraes conduz, geralmente envolvem medidas cautelares dentro de

processos específicos, e não a suspensão de leis ou atos normativos de forma ampla."

A PEC 28/2024, por outro lado, poderia ter um efeito mais contundente. Ela é o item mais controverso do pacote, ao permitir que o Congresso suspenda qualquer decisão do STF por até quatro anos.

Chiarottino considera que uma lei do tipo seria só "um remendo na Constituição" para um problema mais profundo, que é o excesso de prerrogativas que o Supremo assumiu no Brasil.

"O ideal seria termos uma verdadeira Corte Constitucional, no modelo europeu, destinada exclusivamente a dirimir questões constitucionais, dentro de uma autocontenção,

e com membros com mandato por prazo determinado, de oito, dez anos. E indicados de forma colegiada, não mais pelo presidente da República", diz. "Talvez seja mais difícil de aprovar no Congresso, mas me parece uma solução mais equilibrada e que faz mais sentido", complementa.

Para Uliano, a PEC 28/2024, apesar das críticas pesadas que vem sofrendo, não tem nada de excêntrica, e suas ideias estão respaldadas por um conceito que ganha força no mundo jurídico internacional: o de *weak-form judicial review* (revisão judicial fraca, em tradução livre).

Trata-se de um modelo no qual os tribunais têm um papel mais limitado em relação ao Legislativo e ao Executivo, permitindo que leis

declaradas inconstitucionais pelos juizes sejam revisadas ou alteradas pelo Parlamento.

"É um sistema que existe hoje na Inglaterra, na Nova Zelândia e mais alguns países. Vários autores têm trabalhado muito com essa ideia. Uma professora da Austrália chamada Rosalind Dixon tem um artigo muito famoso, '*The Core Case for Weak-Form Judicial Review*'. É um sistema completamente compatível com as democracias constitucionais e muito celebrado por vários acadêmicos. Não haveria nada de bizarro ou de demais em adotar esse sistema", explica.

Veja alguns abusos recentes do STF que poderiam ter sido evitados com o pacote antiativismo

PEC 28/2024: Permite que o Congresso suspenda decisões do STF por até quatro anos, com o apoio de dois terços dos parlamentares de ambas as casas. A suspensão pode ser revertida após quatro anos, caso nove ministros do STF votem nesse sentido.

Abusos que poderiam ter sido coibidos com a PEC 28/2024:

Qualquer decisão poderia ser revertida, desde que dois terços das duas casas estivessem contra o que um ministro decidiu. A decisão de suspensão do X, por exemplo, teria alguma chance de ser revertida imediatamente pelo

Congresso, caso alguns parlamentares do Centrão e da esquerda tivessem interesse em se unir à direita na pauta.

—

PEC 8/2021: Impede decisões monocráticas de suspender leis ou atos presidenciais, estabelecendo um prazo de seis meses para o colegiado julgar ações de inconstitucionalidade após liminares. A PEC reforça que somente com a maioria absoluta dos tribunais é possível declarar a inconstitucionalidade de leis.

Abusos que poderiam ter sido coibidos:

- Em maio de 2020, o ministro Alexandre de Moraes suspendeu monocraticamente a nomeação de Alexandre Ramagem para a chefia da Polícia Federal, argumentando possível desvio de finalidade devido à proximidade com a família Bolsonaro.
- Em dezembro de 2021, o ministro Luís Roberto Barroso, em decisão monocrática, determinou a obrigatoriedade do passaporte da vacina para viajantes entrarem no Brasil, contrariando a posição do governo federal. A decisão foi confirmada pelo plenário posteriormente.
- Em dezembro de 2021, a ministra Rosa Weber suspendeu trechos de quatro decretos do governo Bolsonaro que

flexibilizavam o acesso a armas, alegando inconstitucionalidade.

- Em 2023, o ministro Ricardo Lewandowski anulou monocraticamente trechos da Lei das Estatais, permitindo que políticos assumissem cargos de direção de empresas estatais, o que favoreceu o PT nas nomeações estratégicas em troca de apoio político no Congresso.
- Em maio de 2024, Alexandre de Moraes suspendeu monocraticamente a Lei 2.342/22, de Ibirité (MG), que proibia o uso de linguagem neutra nas escolas, alegando que a norma violava princípios constitucionais de liberdade de expressão e ensino.

PL 658/2022 e PL 4.754/2016: Os dois projetos preveem novas situações para impeachment de ministros do STF, como usurpar funções do Legislativo ou fazer manifestações públicas de caráter político-ideológico que prejudiquem a imparcialidade e a confiança no tribunal.

Abusos que poderiam ter sido coibidos pelos dois PLs quanto à usurpação de funções do Legislativo:

- Decisão que descriminalizou o aborto de fetos anencéfalos, criando uma exceção à legislação sem que houvesse mudança na lei pelo Congresso.
- Julgamento sobre o porte de maconha para consumo pessoal, em que o Supremo já formou maioria pela descriminalização.

- Criminalização da homofobia: em 2019, o STF decidiu que atos de homofobia e transfobia devem ser tratados como crimes de racismo; em 2021, classificou a injúria racial ou homofóbica como crime inafiançável e imprescritível.
- Em agosto de 2023, o STF definiu que estados e municípios não podem remover moradores de rua de espaços públicos nem recolher seus pertences. Além disso, atuou como poder Legislativo ao estabelecer um conjunto de medidas a serem adotadas por governos federal, estaduais e municipais relacionadas à população de rua.

Abusos que poderiam ter sido coibidos pelos dois PLs quanto às manifestações públicas:

- Cármen Lúcia antecipou seu voto sobre a anistia a presos do 8 de janeiro em entrevista à Globo News, afirmando que "não parece ser o caso" de conceder anistia.
- Gilmar Mendes, em entrevista ao Brasil 247, declarou que a anistia para os réus do 8 de janeiro é "incogitável" e antecipou seu voto sobre Bolsonaro no caso da minuta do decreto, citando "intentos golpistas".
- Ricardo Lewandowski participou de um evento do MST onde elogiou o movimento e criticou a "democracia liberal burguesa".
- Gilmar Mendes afirmou que o Brasil estava sendo governado por "gente do porão"

antes de Lula assumir a Presidência.

- Em diversas ocasiões, ministros defenderam publicamente a regulação das redes sociais nos moldes do PL 2.630.
- Cármen Lúcia participou de uma reunião com lideranças femininas de esquerda para apoiar um manifesto pró-aborto.



[Voltar ao índice](#)



O cantor Caetano Veloso, que regravou sucesso do pastor Kleber Lucas | Foto: Divulgação

Destaque da turnê

Ao cantar “Deus Cuida de Mim”, Caetano se torna um cavalo de Troia evangélico

Por Francisco Escorsim, especial para a Gazeta do Povo

Nada pior para um músico do que se tornar proselitista político. E pouco importa sobre o

que ou para quem milita. A consequência inevitável é distanciar parte – por vezes, considerável – do seu público e se impor uma limitação criativa que o aliena da própria vocação. E, se um dia ousar passear por outras paragens, permitindo-se transcender ou descansar de seu ativismo, acaba por espantar e distanciar o público que lhe ficou fiel.

Um excelente exemplo disso é Caetano Veloso. Em sua turnê atual, ao lado de Maria Bethânia, incluiu a canção evangélica *Deus Cuida de Mim*, do pastor Kleber Lucas. Segundo o próprio Caetano disse em entrevista: “Essa é a única canção que não recebe aplausos entusiasmados. E isso não me surpreende. Para a maioria do público que vai ver Bethânia comigo, o interesse pelo assunto ‘igrejas evangélicas’ não é algo

esperado nem desejado. Mas eu sei que pode criar conversas que não costumam se dar”.

“Não é algo esperado nem desejado”. Mas não foi sempre assim. Na carreira de Caetano, músicas com temática religiosa não são incomuns, independentemente de suas crenças pessoais. Já em seu primeiro disco como artista solo, de 1967, temos *Ave-Maria*, cuja letra nada mais é do que a oração a Nossa Senhora, em latim, retrabalhada e embalada em ritmo brasileiro. No disco de 1975, há *Escapulário*, samba que trabalha criativamente uma poesia de Oswald de Andrade com a oração do Pai Nosso: “No pão de açúcar/ De cada dia/ Dai-nos, Senhor/ A poesia de cada dia”.

Na década de 80, gravou *Peço a Deus*, em dueto com Marçal (que não é o Pablo, informe-se). A

mãe de Jesus retornou em 1999, no ótimo disco em homenagem a Fellini, em outra música chamada *Ave Maria*, cuja letra diz: “Quando o sino saudoso murmura badaladas da Ave Maria!/ Sino que tange com mágoa dorida, recordando o tempo da aurora da vida/ Dai ao coração paz e harmonia, na prece da Ave Maria!”. Ainda, em 2002, há *Graça Divina*, presente no disco gravado com Jorge Mautner, onde canta: “A graça que vem de cima e vem de graça/ Porque é a graça e é divina”.

Portanto, cantar agora “*Eu preciso aprender mais de Deus*” não deveria surpreender nem escandalizar. Se assim tem ocorrido é por culpa do próprio Caetano, que se deixou engolir pela militância política, a ponto do jornalista Glenn Greenwald ter dito recentemente em um podcast que o apartamento de Caetano se

tornou um bunker político de tal importância que: “Não há como ganhar uma eleição no Rio sem ir ao local”.

Pois foi justamente neste apartamento que Caetano escutou pela primeira vez *Deus Cuida de Mim*, tocada no violão pelo pastor compositor. E por que ele estava lá? Porque era a época da última campanha eleitoral para a presidência da República e ambos participavam do time de Lula, como disse o pastor em entrevista à revista Veja: “Eu e o Caetano nos aproximamos durante a campanha do presidente Lula. Nos aconchegamos de forma muito leve. Certo dia, estávamos na casa dele, quando peguei o violão durante uma madrugada e comecei a tocar *Deus Cuida de Mim*. Ele ficou curioso e começou a aprender a tocá-la e cantá-la”.

Pontes imaginárias

Em várias entrevistas, embora Caetano destaque a dimensão espiritual na decisão de regravar a música em dueto com o pastor, incluindo-a em seus shows, não tem como negar a intenção política disso, reconhecendo a magnitude do fenômeno evangélico e, portanto, a necessidade do seu grupo ideológico de construir pontes com essa fatia expressiva do eleitorado. Daí ter dito, na citação acima, que gostaria de “criar conversas que não costumam se dar”.

Estaria conseguindo? Com os evangélicos, até agora, nada. Primeiro, porque a música já era famosa entre eles e mais uma regravação é apenas isso: mais uma regravação. Segundo, porque os evangélicos que Caetano quer

catequizar não são aqueles pastoreados por Kleber Lucas, cuja posição política é de esquerda e destoa da imensa maioria dos demais evangélicos. Ou seja, se a ideia foi a de construir um “cavalo de Troia” para entrar neste meio, Caetano escolheu o pastor errado. Seguirá conversando apenas com quem já pensa como ele, ao menos em política.



Os irmãos Maria Bethânia e Caetano Veloso, que estão em turnê pelo país com um show em conjunto | Divulgação

Por outro lado, é interessante acompanhar os efeitos da gravação fora do meio evangélico,

com o público que só conheceu a música por causa de Caetano. Um exemplo significativo: há poucas semanas, Kleber Lucas esteve cantando sua música no programa de Marcos Mion, na TV Globo. Sabe quando algo assim aconteceria sem que Caetano tivesse gravado sua música? Pois é, nunca. Ou seja, o “cavalo de Troia”, no fim das contas, está sendo Caetano Veloso, que ao tentar se aproximar dos evangélicos, trouxe-os mais para dentro do meio progressista do que o progressismo para eles. Não deixa de ser engraçado. Eis aí algo que todos precisamos aprender mais de Deus mesmo: Ele tem senso de humor. Amém.



[Voltar ao índice](#)

PARA SE APROFUNDAR

- [J.R. Guzzo: Nova estatal de Lula só não vai causar prejuízo se não sair do papel](#)
- [Conheça o Atmos, artilharia israelense barrada pelo governo que poderia modernizar Exército](#)
- [Lula evita desgaste adicional ao não viajar para cúpula com ditadores](#)
- [China pisa no freio: o que isso tem de bom e de ruim para o Brasil](#)
- [Celular fora da escola já em 2025? Governo e oposição querem acelerar projeto de lei](#)
- [Rapamicina ganha fama por supostamente ser capaz de retardar o envelhecimento](#)

COMO RECEBER

As edições da Gazeta do Povo Revista vão estar disponíveis para download em PDF pelos nossos assinantes todos os sábados pela manhã no site do jornal. Também é possível se inscrever, para ser lembrado de baixar o arquivo, pelo [Whatsapp](#) ou pelo [Telegram](#). Se preferir receber por e-mail, você pode se inscrever na [newsletter](#) exclusiva para receber o link de download.

EXPEDIENTE

A Gazeta do Povo Revista é uma seleção de conteúdos publicados ao longo da semana no nosso site. Curadoria e formatação: Carlos Coelho, Daliane Nogueira e Marcela Mendes. Apoio: Jessica Lopes da Silva dos Reis. Conceito visual: Claudio Cristiano Gonçalves Alves. Coordenação: Patrícia Künzel.

APLICATIVO

Caso seu acesso seja via aplicativo iOS, só é possível visualizar o pdf. Para fazer o download, recomendamos o uso do navegador de internet de seu celular.



Voltar ao índice